

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira. Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (tradução de Aurora F. Bernardini e outros). São Paulo: Hucitec e Fund. Para o Desenv. da UNESP, 1988.

_____,M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988. 4ª Ed

BARRAGA, Natalie. Disminuidos visuales y aprendizaje. Espanha: Fundação Once, 1985.

BECHARA, Evanildo – Moderna Gramática Portuguesa: curso de 1º e 2º graus. 22ª Ed. São Paulo, Editora Nacional, 1977.

BETIELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BENJAMIN, Walter, Écrits autobiographiques, Texte français de Christophe Jouanlanne ET Jean François Poirier, Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1994.

CAMARA Jr., J. Mattoso – Dicionário de Filologia e Gramática. Rio de Janeiro, 4ª Edição Revista e Aumentada, J. Ozon – Editor, 1970.

CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. O Poder do Mito. 1990.

CARDOSO, Fernando Henrique & SANNI, Octávio – Homem e Sociedade: leituras básicas de Sociologia Geral. Nova Edição. São Paulo. Editora Nacional, 1975.

CASTRO, A.M.S.G. & CECCON, J.P. – Creches alternativas e institucionais – uma proposta curricular. In: MEC/SEPS. Textos sobre educação pré-escolar. Brasília, 1981.

CHARLES, C.M. – Piaget ao Alcance dos Professores . Tradução da prof^a Ingeborg Strake. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1975.

CLEMENTE, R.; MARTELES, P.; VICENTE, A.; MARIM, A. Lillo; ROSEL, J., Villagran – Ceguera – Orientaciones prácticas para la educación y rehabilitación del ciego . Colección rehabilitación, Aspectos Psicológicos (cap. 2), Edita: Dpto. De Estudios y Publicaciones Del Servicio de Recuperación y Rehabilitación de Minusválidos Físicos y Psíquicos (Serem). Maria de Gusmán, 52. Madrid 3, 1979.

COSTA LINS, M.J.S. A Estruturação da Inteligência do Pré-escolar segundo Piaget. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1984.

DURAN, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho – 3^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 . (Coleção Biblioteca Universal)

FERNÁNDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada. Tradução Iara Rodrigues, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, A. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____, Emilia. Reflexões Sobre a Alfabetização. Tradução Horácio Gonzáles (et.al). São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1991.

FRAIBERG, S. Insight from the blind Library of Congress. Washington, 1972.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação. Vol.1.

FURTH, H.C. Thinking without language: psychological implications of deafness. New York: Free Press, 1966.

GINSBURG, H. & OPPER, S. Piaget y La teoria Del desarrollo intelectual. Madri: Ediciones Del Castillo, 1977.

GIROSSI, Esther Pillar. Didática da Alfabetização. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

HALLIDAY, Carol. Crescimento, aprendizagem e desenvolvimento da criança visualmente incapacitada do nascimento à idade escolar. São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1975.

HUERTAS, J.A.& OCHAITA, E. Diferentes procedimientos de externalización de La representación espacial: um estudio evolutivo com niños ciegos. Estudios de Sociologia, 1992.

JERSILD, A.T. Psicologia da Criança. Tradução de Marta Botelho e de Neil R. da Silva. Editora Itatiaia Lini. Belo Horizonte, 1966. (Fifth Edition) 1933-1940-1954-1960.

JUNG, Carl Gustav. O Inconsciente Pessoal e o Inconsciente Coletivo. 1942.

KAMII, C. & DE URIES, R. A Teoria de Piaget e a Educação Pré-escolar. Lisboa: SOCI/CULTUR, Coleção Biblioteca de Pedagogia, 1973.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias. São Paulo: Ática, 2004.

LEMLE, Miriam. Guia Teórico do Alfabetizador. São Paulo, Ed. Ática, 1990.

LERBET, G. Piaget. Paris: Édition Universitaires – Collection Psychothèque, 1970.

LIMA, A.F.O. Pré-escola e alfabetização. Petrópolis (RJ) : Editora Vozes, 1986.

LOWENFELD, B. Our blind children. Illinois. Charles Thomas Publishers, 1964.
_____, B. The psychoanalytic contribution to the understanding of early development of blind children. New York: ABF, 1981.

LURIA, A.R. Desenvolvimento Cognitivo. São Paulo: Ícone, 1990.

MIGUEZ, Fátima Nas Arte-Manhas do Imaginário Infantil. 3ª Ed. Zeus. Rio de Janeiro, 2003.

MONTEIRO, Kátia Canton Tempo e Memória. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009 v.1

_____, Kátia Canton Texto e Memória. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009 v.1

NOVAES, Nelly Coelho. Literatura: Arte, Conhecimento e Vida. Peirópolis: Fundação Peirópolis, 2000.

NOVAES, Nelly Coelho. O Conto de Fadas; Símbolos, Mitos e Arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

PAIN, Sara. A Função da Ignorância. Trad. De Alceu Edir Fillmann. Porto Alegre, Artes Médicas, 1937.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções às ações. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PIAGET, Jean & GRECO, Pierre. Aprendizagem e Conhecimento. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1974.

_____, Jean & INHELDER, Barbel. A Psicologia da Criança. 7ª Ed. , São Paulo, Difel, 1982.

_____, Jean. A Epistemologia Genética: Sabedoria e Ilusões da Filosofia; Problemas de Psicologia Genética. Traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E.A. Di Pierro. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____, Jean. A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

_____, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. Rio de Janeiro, 1ª Edição Brasileira, abril, 1959. Tradução Manuel Campos, 4ª Edição, Paris, 1956.

_____, Jean. O Nascimento da Inteligência da Criança. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.

_____, Jean. O Nascimento da Inteligência na Criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

_____, Jean. O Raciocínio na Criança. 3ª Ed., Rio de Janeiro, Record, 1967.

_____, Jean. Para Onde Vai a Educação? Tradução de Ivete Braga, 5ª Ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.

_____, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1972.

_____, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro, Forense, 1973.

REVUELTA, Rosa Maria e col. Juego Simbólico e Deficiência Visual. Madrid: Once, 1992.

SAMPAIO, Marcos Wilson, HADDAD, Maria Aparecida Onuki. Baixa Visão: Manual para Oftalmologista. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2009.











SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. Tradução de Antonio Cheleni, José Paulo e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1972.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 2ª Ed.


YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã, 2009.

Anexo I

ALFABETO BRAILLE


a b c d e f g h i j











k l m n o p q r s t





u v w x y z

Anexo II

Equipamentos Básicos para Aprendizagem de uma Criança Cega



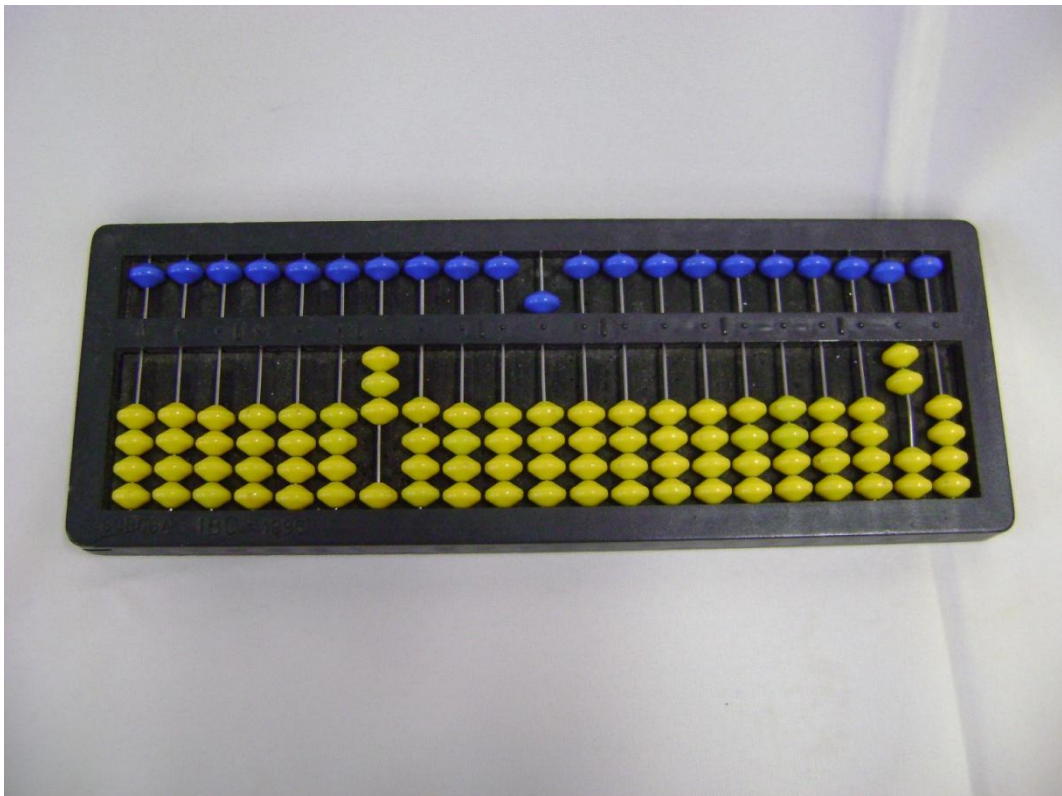
Máquina Mecânica



Máquina Manual – Reglete



Sorobã – Aparelho de Cálculo



RECURSOS ÓPTICOS

Lentes de Aumento para perto e para longe







RECURSOS NÃO ÓPTICOS

1. Aumento da fonte

Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Fonte Arial tamanho 12

2. Contraste

Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Branco no preto

Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Fonte Arial tamanho 16

Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Preto no branco

Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Azul no amarelo

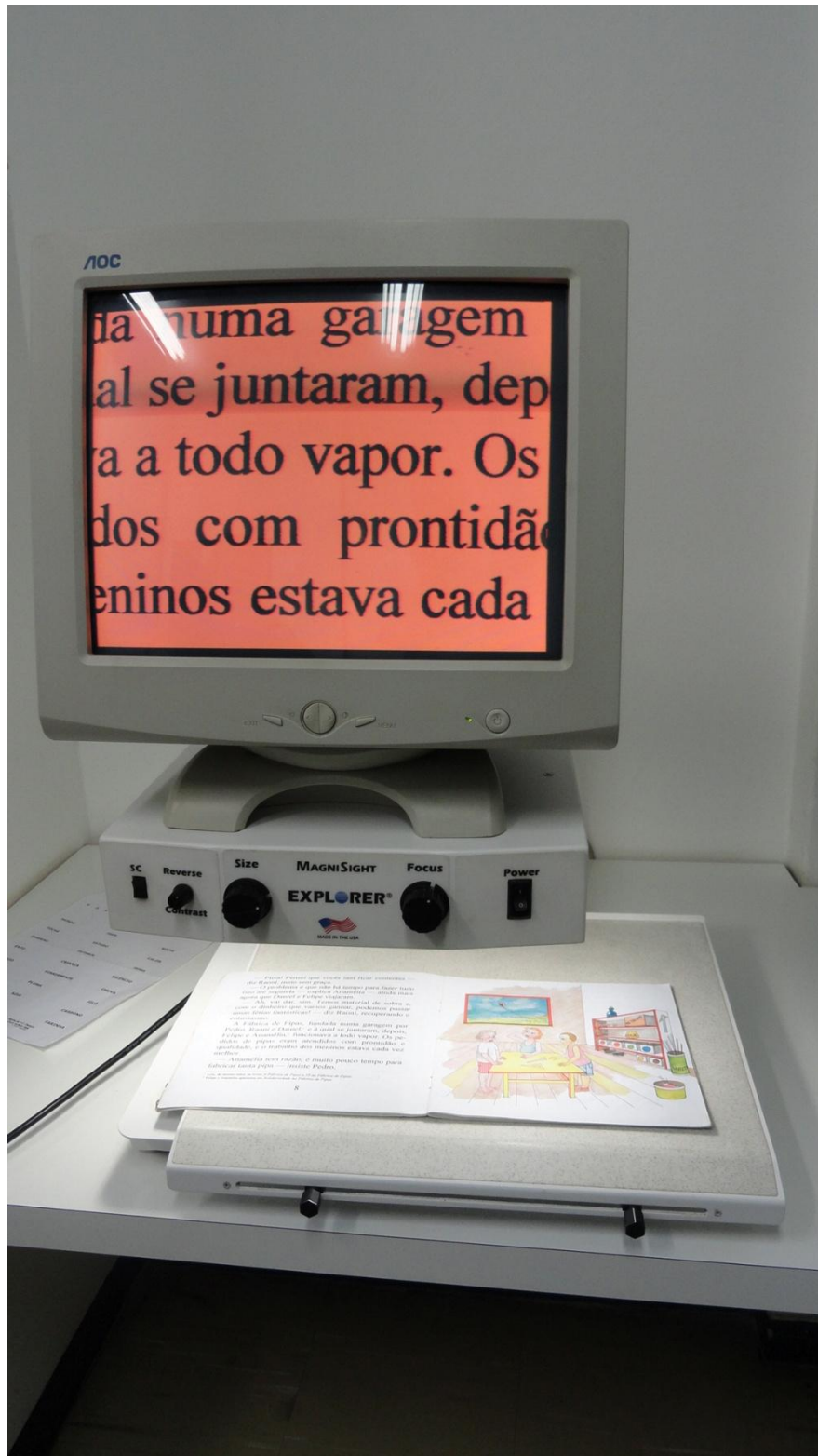
Os assuntos a serem tratados neste capítulo, buscarão elucidar que pontos, que ainda hoje, tornam-se obscuros para os professores que recebem, em suas turmas crianças com deficiência visual.

Amarelo no Azul

RECURSOS ELETRÔNICOS

Máquinas que aumentam até 60 vezes a fonte







Anexo III

Fichas de Identificação dos Alunos

Ficha de identificação

Instituto Benjamin Constant

Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência Visual

Nome: Bruno Jorge Lopes da Silva

Data de nascimento: 04/02/2004

Data de matrícula no IBC: 19/12/2007

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma: 6

Condição visual: baixa visão

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: processo de alfabetização propriamente dito (primeiros movimentos de leitura e escrita)



Instituto Benjamin Constant**Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência Visual**

Nome: Giovana Pereira Ferreira Costa

Data de nascimento: 29/04/2004

Data da matrícula no IBC: 10/12/2007

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma:8

Condição visual: cega congênita

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: processo de desenvolvimento global



Instituto Benjamin Constant**Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência Visual**

Nome: Hugo de Souza Mota

Data de nascimento: 12/02/2005

Data da matrícula no IBC: 20/10/2009

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma: 7

Condição visual: cego congênito

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: processo de alfabetização propriamente dito (primeiros movimentos de leitura e escrita)



Instituto Benjamin Constant
Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência
Visual

Nome: Letícia Marciane da Cruz Rocha

Data de nascimento: 15/09/2003

Data de matrícula no IBC: 16/12/2008

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma: 10

Condição visual: baixa visão

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: (aluna já alfabetizada)



Instituto Benjamin Constant
Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência Visual

Nome: Millena Ribeiro de Freitas

Data de nascimento: 19/01/2005

Data da matrícula no IBC: 29/12/2009

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma: 8

Condição visual: cega congênita

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: processo de desenvolvimento global



Instituto Benjamin Constant**Centro de Referência Nacional nas Questões Concernentes à Deficiência Visual**

Nome: Taiza Marcela da Silva Faria

Data de nascimento: 20/09/2004

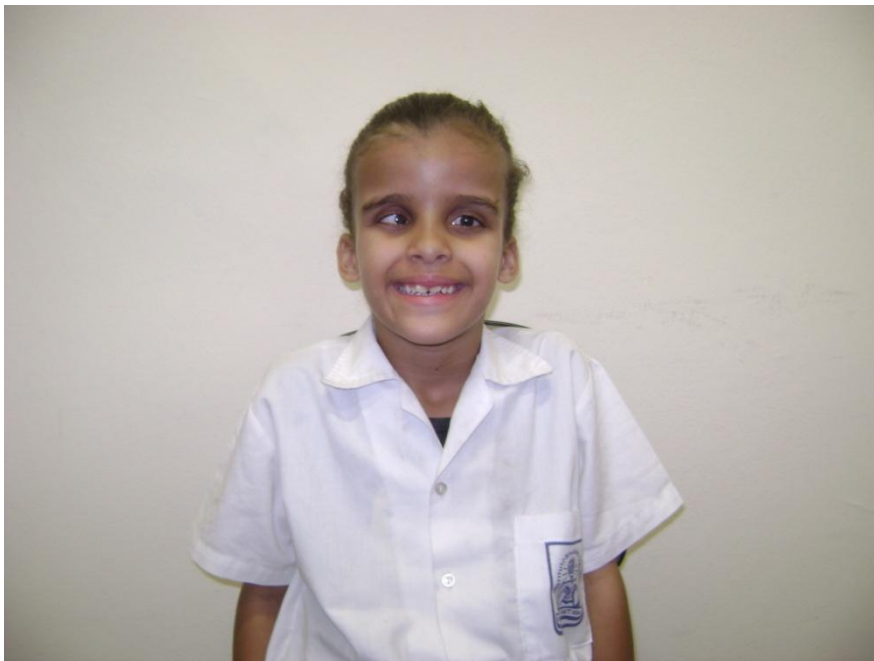
Data da matrícula no IBC: 15/12/2010

Série: 1º ano do Ensino Fundamental

Turma: 5

Condição visual: baixa visão

Nível do processo de aquisição da escrita e da leitura: processo de desenvolvimento global



Anexo IV

Recomendações

- Buscar na literatura infantil uma nova postura pedagógica
- Levar a leitura efetiva para a sala de aula
- Organizar os livros que serão trabalhados
 - 1) Selecionar as obras por faixa etária e por nível de desenvolvimento das crianças
 - 2) Escolher bons textos e bons autores
- Criar ambientes propícios à leitura
- Estabelecer a contação de histórias
- Cuidados necessários
 - 1) O narrador precisa ficar atento ao auditório (turma) antes e durante a narrativa
 - 2) O narrador deverá saber usar sua voz e a expressão oral. Fluidez, ritmo, entonação, expressividade, respeito ao texto, pertinência na condução do tema do texto. É de suma importância a expressividade, entretanto, deve-se evitar os exageros e as atitudes caricaturais que prejudicam a beleza e a seriedade do trabalho.
- Estratégias
 - 1) Avaliação (aferição quanto à interpretação do texto)
 - 2) Apresentação de gravuras

As crianças com baixa visão devem ter acesso a esse recurso didático. É preciso ter extremo cuidado com a utilização dessa estratégia. As gravuras devem ser simples, sem muitos detalhes. As figuras não devem ser estilizadas e as cores usadas devem observar contrastes adequados para que não haja prejuízos visuais. A chamada poluição visual não deve ocorrer sob qualquer hipótese.

 - 3) Apresentação de objetos concretos

As crianças cegas deverão ter acesso a objetos concretos alusivos ao tema desenvolvido no texto. Os objetos substituem as ilustrações mostradas às crianças que enxergam.
 - 4) Acolher as respostas das crianças em relação à interpretação do texto.

5) Incentivar a participação individual e coletiva das crianças nas respostas às perguntas feitas.

- Material Didático

- 1) Livros em Braile ou tipos ampliados

- 2) Discos e CD's (audiolivro)

- 3) Filmes e DVD's

Atualmente, começa a tomar vulto, um novo e eficiente recurso que favorece a compreensão da pessoa cega frente à exibição de filmes: a audiodescrição.

- 4) Gravuras, cartazes, fotos e paisagens. Este material deverá ter a fonte da letra ampliada sempre que se fizer necessário. Deve-se também observar o tipo de letra escolhido para facilitar a leitura da criança com baixa visão

- 5) Material Concreto: brinquedos, desenhos e pinturas em relevo, recortes e colagens.

- 6) Modelagem (massa plástica e argila)

Realização de Projetos

O professor deve realizar um projeto de literatura bimestralmente. Se isso não for possível, esse trabalho deverá realizar-se, pelo menos, um projeto a cada semestre.

1. O livro escolhido deve pertencer ao universo de interesse da turma.

2. O tema da história, lenda ou mesmo texto poético, deverá ser explorado de diferentes formas de acordo com as peculiaridades dos alunos e a riqueza contida no texto.

3. Todos os recursos didáticos, anteriormente relacionados, deverão ser utilizados.

4. A turma deverá sempre participar da feitura do projeto. Mesmo que às crianças apresentem dificuldades, elas deverão ser chamadas a colaborar, ainda que em tarefas bastante simples.

- Estratégias para Narração

1. O narrador lançará mão da narrativa oral da história

2. O narrador utilizará, durante a narrativa, fantoches ou bonecos

3. O narrador usará recursos sensoriais:
 - 3.1 Odores
 - 3.2 Sabores
 - 3.3 Sons e ruídos
 - 3.4 Material termotátil (recurso preferencialmente empregado para as crianças cegas)
 - 3.5 Material visual - este recurso suprirá as necessidades das crianças com baixa visão, como também, crianças que possuam um pequeno resíduo visual.
4. Dramatização do Texto (participação da turma)
5. Emprego da Música
6. Emprego das artes Plásticas
7. Produção de livros Concretos (substituir as ilustrações por objetos concretos, colagens, desenhos em relevo, entre outros recursos que possam trazer o conhecimento e o prazer à criança cega).

A criatividade, o critério na escolha dos recursos a serem usados, a coerência na abordagem dos textos, ditarão o êxito desse trabalho. A criança cega ou com baixa visão será levada, de fato, a vivenciar sua aprendizagem e a enriquecer seu acervo imaginativo e cultural.

- Criação de Oficinas Mirins de Letras
 1. As crianças deverão ser levadas a criar textos, tendo como base ideativa objetos concretos e também cartazes.

Este trabalho poderá ser feito individual ou coletivamente. A produção de pequenos textos incentivará a criança a tomar gosto pela realização de futuros livros.

2. Criação Coletiva

O professor trabalhará, junto às crianças, a criação de textos. O tema será lançado por ele e as frases, concatenadas, serão construídas por cada aluno da turma, formando um todo significativo: o texto.

A imaginação não tem limites ou fronteiras.

Repousa no espírito do homem, mas nasce na alma da criança.

Apêndice sobre os elementos simbólicos presente no Capítulo I

O homem é o resultado da soma de inúmeros fatores. Como ser único, e ao mesmo tempo múltiplo, torna-se complexo e multidimensional. Suas posturas modificam-se, suas posições flexibilizam-se ou recrudescem, conforme o momento histórico assim o exija.

A mente e o espírito humanos forjam-se no mundo das ideias em cuja essência repousa o princípio estruturador da verdadeira humanidade.

O homem é um agente formador e transformador. Espelha os conceitos de uma época, expressa inquietações, constrói e desconstrói preceitos, internaliza valores, quebra ordens pré-estabelecidas, sustenta e derruba crenças, burila comportamentos, preserva acervos, cultiva e guarda memórias, luta exaustivamente para que lhe seja assegurado o direito à mudança.

O homem é responsável pela construção da sociedade. Os vários compartimentos que formam os grupos sociais refletem, indubitavelmente, um grande painel de diferenças onde o nível cultural e econômico influencia essas camadas, fortalecendo ou fragilizando a trama do tecido social que a estrutura e sedimenta.

O pensamento humano cria raízes e alça voos. Estabelece normas e liberta sentimentos. Une elos e parte cadeias.

Desde os mais remotos anos, o homem busca a “verdade das coisas”. A palavra como instrumento de investigação, passa a comunicar essa incessante procura. Entender o universo que o cerca, e entender-se a si próprio, é tarefa espinhosa que pede profunda reflexão e ciência crítica.

Filósofos e cientistas levantam hipóteses, conceituam fenômenos, categorizam elementos, classificam atitudes e condutas, desenvolvem correntes do pensamento e métodos de análise. Filosofia e Ciência mesclam-se na diversidade das ideias e na enigmática e instigante existência do desconhecido.

A literatura nasce incorporando todo esse ideário; entretanto, reveste-se do caráter fundamental de sua função primária: o **aspecto artístico**.

Ao longo dos séculos, trágicos, comediógrafos, historiadores, religiosos, humanistas, poetas — enfim, os escritores —, mobilizam a ordem vigente em todos os tempos e em diferentes circunstâncias.

O teatro e o livro constituem-se num veículo de cultura, no armazenamento de normas e conteúdos, concomitantemente, momentâneos e atemporais.

A literatura esteve sempre presente na sociedade, oferecendo-se como terra generosa aos “artistas da palavra”, que fizeram-na fértil, aprofundando o pensamento, elevando o espírito, denunciando desigualdades, buscando justiça ou proclamando a liberdade. Transforma-se no meio para a concepção de diretrizes e postulados que favorecem o crescimento do homem, fazendo-o respeitar a tradição, impelindo-o ao novo, abrindo-lhe caminhos, rasgando-lhe horizontes, propiciando-lhe posicionar-se ante a vida, proporcionando-lhe a vivência de sua hora, concedendo-lhe as respostas para aplacar os infindáveis questionamentos que o afligem.

O que é literatura?

Em sentido *lato*, define-se literatura como sendo o conjunto da produção escrita; em sentido estrito, conceitua-se literatura como sendo verdadeiramente a ficção, a criação duma suprarrealidade com dados profundos, singulares da intuição do artista. Portanto, a literatura tem de ser encarada como uma nobre vertente da arte, arte no mais profundo sentido. No entanto, aceitando quando se fizerem pertinentes e necessárias, a veiculação de informações da crítica social, política, biográfica, entre outras.

É importante que os professores compreendam-na como um poderoso recurso a utilizar-se na educação e na formação global do indivíduo, fazendo dela um instrumento deflagrador para a aquisição da capacidade de compreender o elemento literário, vendo-o como semente criadora da “arte de escrever”, buscando nessa manifestação artística uma fonte de enlevo e de prazer.

A literatura na sala de aula faz-se imperativa. Muito antes de se inserirem na vida escolar, as crianças entram em contato com o texto literário. O hábito de “contar e ouvir histórias” é tão antigo que se perde na memória do tempo.

Crê-se que a imperiosa necessidade de suprir lacunas internas, fez com que o homem criasse mecanismos psicológicos para trabalhar sua fantasia, suavizar a realidade, comum explicar o ininteligível, premiar os bons, punir os maus. Enfim, o homem criava uma prática eticomoral que lhe servia como suporte emocional, lógico, artístico e cultural.

Percebe-se, pois, que a literatura é um grande campo a ser explorado, não apenas por seu caráter artístico onde residem o belo e o maravilhoso. Os textos

literários levados à infância têm de ser analisados com maior critério e seriedade. Não são tão somente peças de entretenimento vazio, com temática recorrente e de fácil apreensão. Os textos infantis encerram um surpreendente veio de conhecimento cujos ramos de abordagem diversificam-se, encontrando na psicologia, na psicanálise, na ética e, em tantos outros conhecimentos, uma gama riquíssima de assuntos e de discussões.

Esses textos ampliam a visão de mundo, fomentam a ilusão, recuperam o passado, revestem de lirismo um período da existência do homem que merece e urge ser estudado sob a perspectiva não só do desenvolvimento físico, mas principalmente, do desenvolvimento psíquico e intelectual.

É de suma relevância, verificar-se que a literatura, concebida para as crianças atravessa os séculos e revigora-se no tempo. É importante ressaltar que a literatura infantil ocupou as preocupações artísticas e humanas de grandes autores.

Esopo, Charles Perrault, La Fontaine, Condessa de Ségur, Ratioboune, os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, Monteiro Lobato, Lygia Bojunda Nunes, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, entre inúmeros outros escritores, criam obras nas quais as crianças podem viver peripécias, experimentar sensações, ouvir reprimendas, levantar polêmicas. Discordâncias e anuências perpassam as páginas mágicas desses livros fazedores de heróis, condutores de ensinamentos, construtores de mundos, de personagens, de sentimentos. Livros que condensam a essência do pensamento infantil e permitem a ele ultrapassar épocas, enfrentar modismos, sobrepor-se ao banal e à superficialidade que assolaram e, ainda assolam, os pseudos textos literários que não atendem ao imaginário da infância.

Este estudo pretende discutir questões que levem os professores alfabetizadores a refletirem a respeito do assunto proposto. A educação precisa renovar suas práticas e rever seus postulados. Precisa perceber com clareza a necessidade de inovar, de buscar meios e estratégias que façam do processo educativo a base sólida de uma nova era educacional e humana. Os temas trabalhados falam da infância. Sua estrutura, seu desenvolvimento, suas possibilidades. A criança é o centro dessa análise. Criança com sua alma e espírito em estágio evolutivo. Criança com sua sensibilidade e seu poder criativo em etapas de formação.

Faz-se o cotejo entre o crescimento interno da criança vidente, confrontando-se com o da criança com deficiência visual. Foi necessário abordar-

se os princípios que regem a educação e o desenvolvimento global da criança cega ou com baixa visão. Tal abordagem fez-se imprescindível para que possam ser levantados problemas, avaliados prejuízos trazidos pelos déficits ou privação da visão.

Ao educar-se uma criança cega ou com baixa visão impõem-se ter uma postura pedagógica e um aparato didático que garantam ao educando uma aprendizagem real e não apenas que mascarem o processo de sua ascensão educativa.

Abordamos neste trabalho, a construção do imaginário da criança com deficiência visual e a importância da literatura na formação dessa faculdade. A literatura, sendo inserida sem quaisquer restrições na vida escolar, trará contribuições inegáveis na formulação e extensão do pensamento dessa criança.

O sonho e o real fundem-se e confundem-se na magia da narrativa e no cunho poético que extravasa as emoções guardadas nos textos infantis.

Fadas, bruxas, gnomos, princesas, rainhas, animais poderosos, elementos naturais misteriosos, entidades fantásticas compõem o elenco mágico que desperta e alarga o imaginário da criança.

A realidade e a lógica infantis são diametralmente opostas à visão verista do adulto. A criança interpreta o mundo que a rodeia de uma forma altamente particular, dir-se-ia mesmo, um tanto atrofiada. Chamá-la à realidade comum é uma missão delicada que exige sensibilidade e bom senso.

O livro pode e deve ser o caminho para emoções serem tocadas, sentimentos serem desvelados, condutas serem fortalecidas ou eliminadas, atitudes serem medidas e pesadas, opiniões serem expressas e respeitadas.

Povoar o universo da criança de arte e de emoção é dar-lhe a suprema oportunidade de vivenciar uma meninice plena de beleza, de tornar-se um ser reflexivo, mais criativo e crítico.

O pensamento imaginativo constrói um homem mais sensível, menos utilitário.

O pensamento imaginativo traz em si a chama da criação, o ímpeto da descoberta, o desejo do infinito.

A convivência com os livros, o envolvimento com a leitura, devem constituir-se numa postura pedagógica prioritária para os alfabetizadores. Não

importa se a criança saiba ler ou não; o que conta, na verdade, é a presença viva, pulsante e enriquecedora da literatura na sala de aula.

O texto literário é um feixe de incontáveis possibilidades. Põe-se diante do leitor como um oráculo a ser decifrado. Interpretá-lo e tomá-lo por inteiro, reclama uma experiência de leitura que precisa instalar-se desde muito cedo. A prática da leitura tem de adquirir para o pequeno leitor uma feição de rito de iniciação. Importante e profundo precisa penetrar no seu cotidiano e criar preceitos, verdadeiros dogmas que poderão conduzi-lo a integrar-se em total comunhão à palavra convertida em fio condutor de arte, arte superior e reveladora de intrincadas redes de significação.

O belo, a estética, o filosófico, o curioso, o inventivo passam, de uma maneira quase imperceptível, a pertencer àquele que lê. Leitor e texto interpenetram-se numa interação dinâmica que deixa vir à tona ações compartilhadas. Escritor e leitor interagem num ato de reciprocidade no qual a ludicidade suplanta a ficção. A criança tem essa capacidade e faz desse processo de interação mais um jogo do próprio imaginário.

O texto nasce e se configura a partir de um determinado contexto. Ambiente lingüístico ou físico, situações vivenciadas ou imaginadas, experiências efetivas ou desejadas e eventuais circunstâncias, levantam temas e corporificam ideias.

Pensamento e linguagem servem como pano de fundo da concepção artística que se traduz em textos literários, arte fecundada, elemento concreto da reificação das ideias e dos sentimentos do escritor.

A literatura infantil alicerça-se na magia e no encantamento.

O universo da criança é povoado de seres alados, animais falantes, árvores que gemem, ventos que uivam.

Os elementos fantásticos e misteriosos misturam-se à realidade do dia a dia, traduzindo valores e sentimentos humanos, transferindo-os a bichos, a corpos celestes, a fenômenos meteorológicos, a entidades mitológicas, à natureza.

A linguagem dos textos embrenha-se e cristaliza-se no conjunto de recursos da semântica em comparações, metáforas, perífrases, antíteses, hipérboles, personificações e alegorias, entre outras figuras pertencentes à estilística. O aspecto fônico, tão rico em apelos sonoros, concretiza-se através das onomatopeias, aliterações, coliterações, ecos, rimas e toda sorte de possibilidades morfofonêmicas.

O pequeno leitor não se dá conta dessas estruturas de tamanha complexidade, engendradas por teóricos de tantas e diferentes linhas que constituem os postulados do conhecimento das áreas lingüística e literária.

É na infância, todavia, que se forma o leitor. O livro precisa fazer-se presente na vida e nos focos de interesses da criança. O pensamento mágico e o senso artístico emergem da experiência vivenciada e no exercício da leitura viva e estimulante dos bons autores da literatura infantil.

A diversidade de textos, a variedade de assuntos, a riqueza de personagens e de enfoques, mexem com emoções, liberam formas de expressão, despertam criatividade, firmam e reafirmam juízos, estendem ideais.

A carga literária das histórias e outras modalidades textuais, atrela-se a dispositivos internos e imaginativos.

A diversificação de ideias e de conceitos será dividida, como se demonstrará a seguir, em eixos temáticos que buscarão elucidar essa abordagem.

▪ **Contos amorosos**

- ◆ O amor que regenera, elemento de salvação e transformação, aparece nas histórias de caráter romântico (os contos de fadas). Nelas acontecem os grandes encontros que eternizam esse sentimento.

- ◆ O beijo apresenta-se como força geradora de vida e de ressuscitação.

Quando o príncipe beija Aurora, (*A Bela Adormecida*), desperta-a do seu sono de 100 anos.

Tem-se igual fato, no momento em que um terno beijo arranca Branca de Neve de sua letargia mortal.

- ◆ No conto *A Bela e a Fera*, vê-se a jovem Bela, despindo-se de todo e qualquer preconceito. Ela com seu carinho e atenção, sem contaminar-se pela fealdade horrenda da Fera, devolve-lhe a condição humana. O amor que o príncipe transfigurado em animal monstruoso nutria pela moça, toca-lhe o coração.

- ◆ As fadas, entes generosos e protetores, põem-se à frente das causas que procuram anular o mal. Elas usam o poder mágico de suas varinhas de condão para operar benéficas transformações.

- ◆ A Gata Borracheira, uma menina pobre e maltrapilha, converte-se numa linda mulher exuberante.

♦ A mágica da transmutação mexe com o imaginário infantil, fazendo-o vivenciar internamente a construção de novos paradigmas.

♦ O velho vestido surrado vira um belo traje de baile. O desgastado calçado transforma-se no sapatinho de cristal. A abóbora, torna-se uma rica carruagem e os ratinhos viram fogosos cavalos brancos.

♦ A beleza e a doçura de Cinderela tocam o coração do príncipe que vivia tristonho e acabrunhado no Palácio Real.

♦ A liberdade de Rapunzel. As longas e belíssimas tranças da jovem, salvam-na da torre que lhe servia de masmorra.

♦ Com seu canto suave e triste, Rapunzel atinge o coração de um belo príncipe que irá libertá-la. Neste instante, a maldade daqueles que mantinham Rapunzel presa na torre, investem sobre o rapaz, atacando-lhe os olhos.

♦ O príncipe se vê cego por alguns momentos. As lágrimas de amor de Rapunzel banham os olhos do príncipe. Opera-se o milagre. Sua visão é restabelecida.

▪ **Signos do Mal**

Os instrumentos agentes da maldade transitam nos textos infantis, movimentando-os, dando-lhes uma dinâmica vigorosa e que prendem a atenção. Através deles, acirram-se antagonismos, criam-se tensas expectativas.

♦ O espelho mágico, a maçã envenenada, o colar da madrasta de Branca de Neve.

♦ A roca de fiar da feiticeira da Bela Adormecida.

♦ Os caldeirões diabólicos das bruxas, produzindo poções mágicas.

♦ O alfinete encantado da Moura Torta que transforma a princesa Celina numa frágil pombinha branca.

♦ Estes elementos encantatórios, medonhos e malignos espicaçam a curiosidade das crianças e desdobram-se, adiante, em outros objetos, igualmente perigosos e terríveis.

▪ **Personificação de Sentimentos**

Os sentimentos humanos personificam-se nos animais e nos elementos da natureza.

As fábulas, prodigioso instrumento imaginativo, trabalham questões concernentes a atitudes e posturas. Nelas coloca-se em permanente confronto, o bem e o mal. Esses textos exercem o papel de codificadores de comportamentos. Aproximam-se das parábolas. A razão e a emoção andam paralelamente a ensinar-nos o valor desse acervo literário e humanístico que constroem um extraordinário patrimônio de criticidade e de ideologias.

- ♦ A Raposa e as Uvas – demonstra a astúcia e o falso desdém da raposa em relação as uvas;

- ♦ A Tartaruga e a Lebre – demonstra a zombaria da Lebre e a paciência da Tartaruga;

- ♦ A Cigarra e a Formiga – demonstra a imprevidência da Cigarra e a providência da Formiga;

- ♦ O Burro e o Grilo – demonstra a inveja do burrinho que se alimentava de orvalho para que pudesse ter o canto cristalino do grilo;

- ♦ O Carvalho e o Junco – demonstra a arrogância do carvalho e a humildade corajosa do junco.

Os textos aludidos, bem como qualquer outra fábula, constituem-se em “lições de vida”, exemplos a seguir.

1. Caracterização e identidade

O homem necessita a adquirir uma identidade, algo que o faça ter um caráter próprio.

O cunho identitário do ser humano forma-se nos primeiros anos de vida.

Os contos infantis fazem-nos entender tais representações. É mais uma considerável contribuição da literatura infantil.

- ♦ O Lobo - maldade;
- ♦ O Jabuti - prudência, teimosia;
- ♦ O Leão - força, supremacia;
- ♦ A Galinha - instinto maternal;
- ♦ O Macaco - esperteza, trapaça;
- ♦ A Onça - astúcia, traição.

2. Símbolos fantásticos

Envolvem os contos infantis, uma aura de profunda fantasia. Pode-se dizer que esses textos mergulham numa esfera de total irrealidade. Pessoas, animais, lugares, objetos e até mesmo expressões linguísticas movimentam ações que estabelecem um clima que poder-se-ia denominar extrarreal. É o que na literatura adulta, chama-se REALISMO FANTÁSTICO, elemento literário constante em excelentes obras de grandes autores.

- ♦ Tapetes Voadores – equipamento extraordinário que transporta personagens, deslocando-as de um lado para o outro, propiciando-lhes grandes e emocionantes aventuras;

- ♦ Lâmpadas Maravilhosas – objetos surpreendentes donde saem poderosos gênios que satisfazem desejos impossíveis e atendem a pedidos imprevisíveis.

O gesto mágico de esfregar as mãos na “lâmpada maravilhosa”, constitui-se num ícone de força e poder;

- ♦ Botas de Sete Léguas – botas de inimaginável velocidade que eliminam distâncias e brincam com o tempo. Botas encantadas que ajudam o Pequeno Polegar a percorrer mundos;

- ♦ Gigantes Perversos – seres inflexíveis, indomáveis. Enormes no tamanho e na perversidade, entes cuja presença amedronta e suscita revolta, por simbolizar, nas atitudes, extrema covardia;

- ♦ Heróis Audazes - figuras movidas pelo bem. Personagens destemidas que entram em duros embates contra os Gigantes da Maldade, sagrando-se sempre vitoriosos. Travam lutas por amor ao próximo;

- ♦ A Boneca Emília - A partir das pílulas falantes do Dr. Caramujo, a bruxinha de pano Emília, concebida por tia Anastácia, passa pelo fenômeno da transmutação. Ela ganha vida e passa a tomar parte e, até mesmo a comandar a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

- ♦ O Pinóquio - O boneco, criado pelo carpinteiro Gepeto, passa também pelo fenômeno da transmutação. De mero boneco de madeira, transforma-se num menino travesso cujas mentiras fazem crescer seu nariz.

Em ambos os casos, vê-se concretizar o ato da animização. Emília e Pinóquio criam alma, vivenciam sentimentos e emoções, passam a ter atitudes humanas.

♦ Expressões Mágicas - são palavras que assumem um valor sobrenatural. A energia contida nelas opera prodígios, salva personagens, mexe com as emoções das crianças, fazendo-as participar daquelas empreitadas, missões impossíveis, fazendo-as torcer por resultados positivos que infundem alegria e a noção do dever cumprido. Expressões ultra fantásticas que abrem portas, derrubam muralhas, afastam rochedos.

“ABRA CADABRA!!!”;

“ABRA-TE SÉSAMO!!!”.

Os grandes encontros de amor, os frequentes confrontos entre o bem e o mal, o heroísmo sem limites, a solidariedade e o companheirismo plenos, a audácia e as aventuras romanescas, modelam textos e levantam pontos a serem pesquisados. Uma análise superficial ou mesmo descuidada poderia fazer crer que a literatura direcionada às crianças enraíza-se apenas nos princípios da fantasia ingênua, do onírico exacerbado. É fato que ambos os princípios aludidos têm enorme força na concepção desse maravilhoso acervo artístico, como procurou-se assinalar durante todo o desenvolvimento desse estudo.

O homem, desde os primórdios do despertar de sua consciência, carregou incertezas, acumulou espantos, pôs-se frente a frente com diferentes medos. Mas, ao mesmo tempo, buscou estratégias para combatê-los, elementos para interpretá-los.

Como foi visto, os textos literários, com seus símbolos e representações, converteram-se em mina preciosa da qual extrair-se-iam explicações sobre fenômenos psíquicos ou naturais, motivação para acontecimentos, solução para conflitos. Contudo, convém ressaltar que os textos infantis vão muito além das questões ora mencionadas. Alguns textos em especial servem para que adultos e crianças entrem na mesma sintonia. A reflexão dos adultos conduz à formação eticofilosófica das crianças. Textos que fornecem linhas de pensamento e estruturam a base de atitudes e condutas.

♦ A vaidade que levou o Rei ao supremo ridículo de desfilar despido entre seus súditos, convencido que fora por dois falsos alfaiates, de que seu novo traje de tecidos finíssimos e raros, de tão rico e valioso, tornava-se invisível aos olhos plebeus da Corte (*A Roupas Nova do Rei*).

♦ A religiosidade invocada na fábula *A Formiguinha e a Neve*. Com o pezinho preso à neve inclemente, a formiga vê a morte aproximar-se incontinentemente.

Implora a todos que por ela passam que a ajudem. Animais, o sol e o homem não se apiedam dela. O egoísmo expresso pela simbologia da indiferença e da pressa, fica evidenciado. Quase morta, pede a Deus que a salve. Deus faz derreter a neve e liberta o pobre e indefeso animal.

♦ Em *Joãozinho e Maria*, expõe-se a crueza da fome e da penúria. Aterrorizadas, por perceberem que os pais desejam livrar-se delas, as crianças fogem de casa por sentirem-se culpadas, um “peso morto” para a família. Desvalidos e sozinhos vão em busca de um novo destino, sem no entanto, guardarem qualquer rancor pelos pais.

O sentimento de eliminação e de abandono movem suas ações e ditam uma decisão corajosa: deixam a casa paterna para não mais serem os responsáveis por uma existência com maiores dificuldades econômicas. Os meninos ainda evidenciam, ao final do conto, a capacidade do perdão, a pedido do pai.

Esperteza, estratégias, trapagens e dedicação mesclam-se nas atitudes do Gato de Botas. Frente a gravíssimos problemas econômicos por que passava “Seu Amo”, o Gato decide ajudá-lo. Cria para ele, uma personagem fictícia (o Marquês de Carabá). Percorre todo o Reino anunciando a boa nova: toda aquela riqueza, de agora em diante, pertenceria ao misterioso Marquês. O Gato queria unir Seu Amo à Princesa.

As dívidas saldadas e a carência de dinheiro resolvida, colocavam o rapaz novamente em condições de ser feliz. Seus problemas estavam solucionados.

♦ Os devaneios, estágio extremo da fantasia, aparecem avassaladores em Alice no País das Maravilhas. Alice mergulha em profundo estado de irrealidade. Os fatos se desenrolam abruptamente, sem conexões plausíveis. As personagens são inverossímeis como inverossímeis são os sonhos da menina.

O Chapeleiro Louco, a Lebre Maluca, os jardineiros que pintam as rosas brancas de vermelho por terem plantado as rosas erradas; a tresloucada Rainha que ameaça decapitar Alice; o coelho branco que corre desenfreadamente de um lado para o outro sem que Alice possa alcançá-lo. O ambiente é envolvido com ares de estranheza, confusão e angústia. O Gato, com seu largo sorriso, era uma figura misteriosa. O limite entre o “mundo real” e o “mundo imaginário”, o País das Maravilhas, tinha uma tênue demarcação. Bastava que Alice atravessasse, através de uma abertura no tronco da árvore, por onde o coelho passava. A menina via-o escapar célere e incontido.

Alice no País das Maravilhas reporta o leitor para uma grande alegoria. Símbolos, representações, alegorias, funcionam como partes instituidoras do inconsciente. Muitos dos textos infantis apóiam-se nessa estrutura (o mergulho ao fundo do inconsciente), mergulho esse tão complexo e tão presente na existência humana.

Esta proposta visou mostrar aos alfabetizadores de modo especial, o direito que tem a criança cega ou com baixa visão de integrar-se de desfrutar do momento mágico da infância. O conhecimento do universo ao qual pertence, a aquisição de faculdades e capacidades, o desenvolvimento do intelecto, a apropriação da cultura estão no bojo dessa discussão.

O imaginário dessa criança coloca-se como viga mestra do nosso trabalho. Sua construção e alargamento foram analisados. Tentamos provar que a faculdade de imaginar é concebida, gerada e nascida com o homem. Procuramos, ainda demonstrar como a criança cega, em particular, adquire e concretiza a instância da imaginação. Estratégias não faltam; recursos didáticos existem e são extraordinariamente eficientes, quando escolhidos e empregados com critério e pertinência.

Todo esse novo enfoque necessita ser analisado frente às especificidades e demandas da criança.

Os temas estudados poderão aclarar ideias, dirimir dúvidas, despertar consciências, banir preconceitos.

Sabe-se que a criança vidente, desde o berço, começa a armazenar informações, a conviver com formas, tamanhos, cores, luz e sombra, pessoas, objetos. O mundo chega-lhe à mente. Mente que se estrutura e se expande na vertigem do tempo e em ações despercebidas, muitas vezes. A criança vê o mundo e nele aprende; através dele, ganha elementos que a fazem pensar, criar novas instâncias, transferir-se para outras esferas, entranhar-se nos meandros do sonho.

O sentido da visão lhe confere os estímulos imaginativos necessários às suas fabulações infantis.

A criança cega, especialmente, não vive a mesma realidade. Os estímulos enviados à mente pelos sentidos remanescentes, não tem a velocidade nem o detalhamento trazido pela visão. No entanto, mesmo com pequena ou grande lentidão, o mundo concreto das pessoas, dos objetos, da natureza também

chega-lhe às mãos para que ela construa seu conhecimento e possa, por tal razão, estruturar seu pensamento lógico, bem como seu pensamento mágico.

Os mecanismos de deflagração e enriquecimento do imaginário da criança com deficiência visual se oferecem para a análise e futuras pesquisas.

Os assuntos tratados envolvem os contos de fada, as fábulas, as histórias de animais e acontecimentos cotidianos, a poesia, a criação de textos. A literatura infantil é um veio interminável da produção artística provinda da palavra. Manancial inesgotável de criações que emergem das instâncias do belo, da filosofia, da ética, do humor, da língua. Tais contribuições tão largas e valiosas entraram neste trabalho e fazem parte das abordagens desta pesquisa.

As ideias foram levantadas e algo examinadas. Fica a proposição deste estudo para a análise e avaliação dos professores e pesquisadores que atuam ou atuarão na área da alfabetização de crianças cegas ou com baixa visão.

É preciso refletir sobre a importância e a complexidade desse momento na aprendizagem da criança. A aquisição da leitura impõe que haja dinamismo, profundidade, competência. O processo de alfabetização necessita fazer-se criativo e inteligente. Os alfabetizadores precisam buscar constantemente a adequação dos métodos e técnicas que possam favorecer o incremento da qualidade das aquisições a serem conquistadas pelo alfabetizando. A preservação e a renovação de valores e condutas pedagógicas têm de ser criteriosamente avaliadas. As mudanças, muitas vezes, precisam processar-se, mas quando necessárias. Do contrário, tornam-se inócuas, e em geral, vazias de significação.

A literatura aparece como um novo rumo. É mais uma vertente do conhecimento que virá para que a sala de aula seja enriquecida e se converta num celeiro de arte e sensibilidade onde as letras vivas que saltam das obras literárias se façam arautos da visão de um tempo de construção efetiva do pensamento infantil.

A criança precisa ser levada a descobrir o livro e senti-lo como fonte de magia. Percebê-lo como espaço de encantamento.

Não devemos temer as mudanças.

Devemos temer nosso imobilismo.